

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

TIJOLOS E ESPELHOS, O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955-2015)

PARTE 2 – DEPOIS DA REVOLUÇÃO

20 e 30 de Março de 2023

### PARDEHE AKHAR / 1991

#### “O ÚLTIMO ACTO”

um filme de VARUZH KARIM-MASIHI

*Realização, Argumento, Montagem:* Varuzh Karim-Masihi *Fotografia* (35 mm, cor): Asghar Rafijam *Som:* Parviz Abnar, Mohammad Hossein Ghaffari, Eshaq Khanzadi *Montagem:* Zhilla Ipackchi, Varuzh Karim-Masihi *Música:* Babak Bayat *Direcção artística, Guarda-roupa:* Hassan Farsi *Interpretação:* Farimah Farjami (Forough), Dariush Arjmand (Kamran Mirza, o cunhado dela), Niku Kheradmand (Molouk, a cunhada dela), Jamshid Hashempur (Rokni, o detective), Shahin Alizadeh, Iman Kiashemshaki, Gholam-Hossein Lofti, Hossein Mahjoub, Lorik Minassian, Mahaya Petrossian, Saeed Poursamimi, Morteza Zarrabi.

*Produção:* Kadr Film (Irão, 1991) *Produtores:* Mohammad Mehdi Dadgo, Majud Modaresi *Cópia:* ficheiro digital, cor, versão original com legendagem electrónica em português, 110 minutos *Título internacional:* The Last Act *Estreia:* 1 de Fevereiro de 1991, Fajr Film Festival (Irão; distinguido com nove prémios incluindo os de melhor filme e melhor realização); Novembro de 1991, Festival Internacional de Cinema de Mannheim-Heidelberg (Alemanha) *Inédito em Portugal, Primeira apresentação em Portugal.*

#### NOTA

“O Último Acto” é apresentado no melhor ficheiro digital disponível a esta data. Sendo visível uma “mancha” no canto inferior esquerdo da imagem, esta não é demasiado perceptível em projecção, não perturbando o visionamento. Assinala-se o facto e a razão pela qual se optou por manter a projecção.

---

Como Samuel Khachikian de quem vimos o thriller-remake do noir americano *Gilda* “*O Choro da Meia-Noite*” (1961), como Arby Ovanessian de quem vimos o espantoso “*A Fonte*” (1972), Varuzh Karim-Masihi é um realizador iraniano-arménio, no seu caso com uma extensa filmografia enquanto assistente, argumentista e montador. Entramos no seu cinema pela porta de “*O Último Acto*”, que se tornou um título icónico do cinema iraniano pós-revolução islâmica. Em rodopio narrativo, entre as voltas e reviravoltas do enredo em que a questão da representação e a charada desempenham um papel tão relevante como a atmosfera “de género” e a sua feliz conjugação com a cultura iraniana.

Nascido em Araque em 1952, Karim-Masihi chegou ao cinema após ter estudado medicina na Alemanha, onde conheceu um actor arménio que terá sido decisivo no seu rumo futuro. Foi no regresso ao Irão, em 1971, que se aproximou das figuras da Nova Vaga com as quais começou a trabalhar: Baharam Beyzaie, realizador de “*Chuvada*” e “*Bashu, o Pequeno Estrangeiro*” (1972 e 1986, igualmente programados nesta retrospectiva) e seu argumentista na curta-metragem *Salandar* (1980); mas também Mohammad Reza Aslani, cujo “*Xadrez do Vento*” (1976) abriu a retrospectiva; e Kamran Shirdel, Amir Naderi ou Bahman Farmanara (cineastas igualmente representados no programa). Na realização, estreou-se em 1975 com a curta *Kooch* / “*O Cuco*”, tendo assinado *Tardid* / “*Dúvida*” em 2009, uma adaptação do *Hamlet* de Shakespeare distinguida com um prémio do Festival Internacional

de Cinema Fajr, segunda das suas duas longas-metragens de ficção realizada vários anos depois de “*O Último Acto*”.

Contemporâneo de *Close-up* e *E a Vida Continua...* de Kiarostami ou de *Nobat-e Aseqi* (“*Tempo de Amor*”, 1990) de Mohsen Makhmalbaf, “*O Último Acto*” é apresentado como “a revisitação iraniana” do clássico *Gaslight* de Cukor (1944). Ambientada em Teerão nos anos iniciais da Primeira Guerra Mundial, a história tem de facto semelhanças com o Cukor hitchcockiano em que, no cenário quase único de uma casa, Ingrid Bergman, Charles Boyer e Joseph Cotten andam às voltas da manipulação e da loucura, enquanto o jogo de espelhos – ou o “jogo de sucessivas encenações” sobre o qual discorreu João Bénard da Costa – se organiza nesse mesmo cenário. A expressão é aplicável a “*O Último Acto*”, composto como um *thriller* psicológico (use-se o chavão), com uma casa vagamente aristocrata no centro da acção. “História” e dispositivo alinham na ambiguidade dos duplos sentidos, dos reflexos, à volta de uma intriga criminal: um irmão e uma irmã de meia-idade em dificuldades económicas delineiam um plano para matarem a cunhada, recém-viúva por morte inexplicada do marido, a quem a fortuna parece estar destinada – incluída a mansão da família que os dois irmãos habitam; para tal, contratam um bando de ciganos que, agindo como criados domésticos, simule uma série de acontecimentos funestos causadores de susto. A cunhada, Forough, que se pretende que desapareça da superfície daqueles metros quadrados, é persuadida pelo próprio pânico agindo como tresloucada aos olhos desarmados de “toda a gente”. E tudo se encaminha não alegremente até ao acto final, abrindo portas e levantando cortinas.

O facto de o enredo ter lugar entre 1939 e 41, anos iniciais da Segunda Guerra, concorre, segundo todas as fontes e a mais pura lógica, para evocar a atmosfera de decadência e claustrofobia consonante com a realidade e os seus simulacros, o medo que ronda não necessariamente nomeável. Aí reside o poder de “*O Último Acto*”, que, acrescentando-se, conta com um núcleo de actores veteranos do cinema iraniano da época, entre os quais Dariush Arjmand, Niku Kheradmand ou Jamshid Hashempur. E, no papel de Forough, Farimah Farjami a quem é reconhecida o lastro de outros papéis de mulheres em luta com demónios interiores em filmes de Masoud Kimiai ou Rakhsan Bani Etemad. No Irão, “*O Último Acto*” foi saudado pelo trabalho dos actores e da mise-en-scène. Numa crítica de época no *Los Angeles Times*, Kevin Thomas fazia o elogio do argumentista-realizador-montador sublinhando como Karim-Masihi “sabe o que está a fazer; a elegância do seu sentido visual sugere a sua familiaridade com Alfred Hitchcock e Agatha Christie. *O Último Acto* é deliberadamente teatral em termos de representação, cheio de floreios melodramáticos, mas nunca abertamente cabotino; Karim-Masihi respeita o seu material.” É um facto.

Maria João Madeira